

A social democracia e a leitura possível do projeto tropicalista

por Paulo Alcoforado

“No começo dos anos 90, quando foi escolhido por Collor para o Ministério da Cultura, o diplomata e ensaísta Sergio Paulo Rouanet veio à minha casa no Rio para inteirar-me de suas intenções e pedir-me apoio. Eu tinha justo lido seu livro *Razão cativa* e, no fim da nossa conversa disse-lhe: “Sou um irracionalista apaixonado pela razão”. E ele me disse que com ele era “o simétrico inverso”. O fato descrito por Caetano Veloso em seu livro *Verdade tropical* (Companhia das Letras/1997) é ilustrativo do que tem sido a tônica desde a retomada da instituição do voto direto, em 1989, até os dias de hoje – a aproximação dos governos eleitos democraticamente em relação aos expoentes do movimento tropicalista.

Reagindo à entrevista concedida em 2001 ao jornal *O Globo*, quando Caetano criticou o governo em função da CPI da Corrupção e do colapso de energia elétrica, o então presidente Fernando Henrique Cardoso fez chegar às mãos do cantor um dossiê intitulado *O governo FHC e o combate à corrupção*, e uma carta manuscrita: “Meu caro Caetano, há três meses li uma entrevista sua em *O Globo*. Tive vontade de conversar com você. Não tive, entretanto, oportunidade. Passado algum tempo, não sei bem porque razão, resolvi te enviar esta carta. (...) Às vezes, a nossa linha de explicação é incompreensível e faz com que as versões virem verdade”.

Ao pedido de adesão e à réplica complacente acima citados somou-se a nomeação de Gilberto Gil para Ministro da Cultura pelo presidente eleito Luiz Inácio Lula da Silva. Os três episódios sugerem que o Brasil tinha que superar o nacionalismo desenvolvimentista conservador do regime militar e enveredar numa democracia formal, ou mais

precisamente numa social democracia, para que a premissa tropicalista deixasse de ser enquadrada numa nebulosa de idéias tidas como polêmicas e subversivas, e ganhasse legitimidade enquanto projeto.

Costuma-se delimitar o Tropicalismo ao período que se inicia em 1967, com a apresentação das canções *Alegria, alegria* e *Domingo no parque* no festival da TV Record, estendendo-se razoavelmente até 1972, quando do fim do exílio de Gil e Caetano. Debruçando-se sobre o movimento verifica-se, entretanto, que, para além do crédito de incorporação da guitarra elétrica à Música Popular Brasileira e todas as suas implicações mais diretas, há um avanço significativo em direção à concretização do ideário tropicalista.

É como se o Brasil estivesse numa encruzilhada e fosse possível uma intersecção entre os projetos social-democrata e tropicalista ao vislumbrarem (desejarem?) uma saída que passasse necessariamente pela modernização via abertura. O mercado não seria uma instância legitimadora da experiência social, mas o destino desejável a todas as dinâmicas sociais que, em conjunto, afirmariam uma cultura brasileira, o território adequado para se marcar posições e realizar as grandes investidas e os recuos estratégicos.

Esse projeto ambicioso de estruturação de um mercado inspirado no desenho das dinâmicas sociais brasileiras ganha rara nitidez a partir da elaboração e debate do anteprojeto da Agência Nacional do Cinema e do Audiovisual – Ancinav – proposto, não ocasionalmente, pelo Ministério da Cultura. Essa é uma clara resposta ao tabu cultura popular X cultura de massas, equação para indústria cultural reiterada por quase três décadas pelos tropicalistas, em suas mais variadas trajetórias. E esse papel coube a Gilberto Gil: fazer com que o Ministério da Cultura faça uma trajetória análoga a sua.

tropicália 2

caetano e gil

50 anos 50

25 5